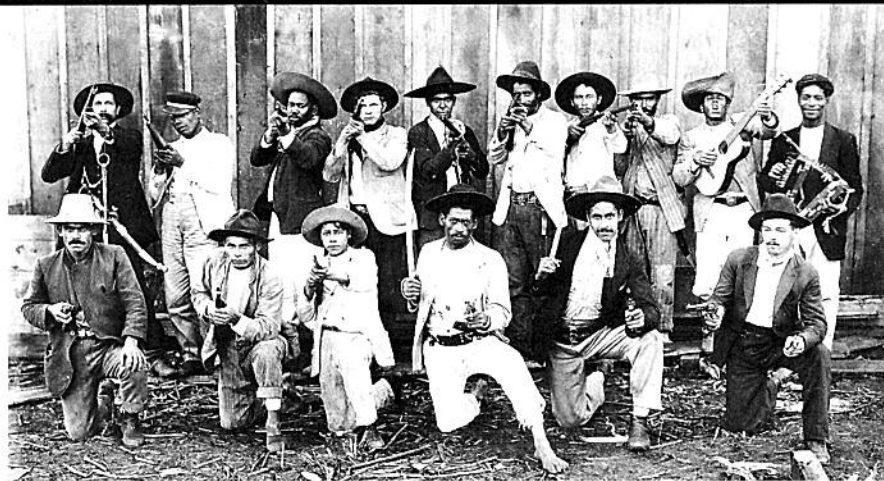




O combatente ARREPENDIDO

TESTEMUNHA OCULAR
Vieira da Rosa (acima) crítica o despreparo do Exército (no alto), que desconhecia até a topografia do campo de batalha, e defende os revoltosos, aos quais elogia o caráter



No centenário da Guerra do Contestado, livro revela documento inédito de um soldado que participou da morte de mais de dez mil brasileiros, mesmo condenando a intervenção do governo

Michel Alecrim

Milhares de soldados do Exército brasileiro são enviados para combater uma revolta de caboclos incentivados por um líder messiânico. Deu-se assim a Guerra de Canudos (1896/97), mas essas poucas linhas também poderiam resumir outra passagem histórica muito menos explorada: a Guerra do Contestado, cuja primeira batalha completa 100

anos em outubro. As lutas sangrentas que mancharam a divisa entre o Paraná e Santa Catarina durante quatro anos não provocaram a mesma comoção que os confrontos narrados em “Os Sertões”, de Euclides da Cunha. No entanto, vêm ganhando visibilidade e vão contribuir muito para isso as “Memórias” do general Vieira da Rosa, guardadas durante

décadas pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e publicadas agora em parceria com o Ministério Público do Estado. O militar que combateu os revoltosos no front fez de seus relatos uma contundente denúncia dos desmandos dos governantes e do drama vivido nos dois lados. Lições que, se tivessem sido ouvidas antes, poderiam ter evitado as mais de dez mil mortes ocorridas.

Vieira da Rosa (1869-1957) chegou ao posto de general, mas serviu no Contestado como capitão. Trazia no currículo a participação na Revolução Federalista de 1893, no Rio Grande do Sul, e se destacava na caserna pela grande erudição. Segundo ele, no conflito “viu-se um derramar de torrentes de sangue patricio, a confissão de inépcia de nossas forças armadas, a covardia de chefes militares e a falta de preparo profissional”. O desconhecimento do Exército de dados básicos como a topografia da região e as estratégias dos inimigos são apontadas em seus escritos. Dessa forma, combates que inicialmente se mostravam desastrosos para as forças oficiais só fortaleciam a fé dos fanáticos que adoravam o monge José Maria, uma

espécie de Antônio Conselheiro de então, morto logo no início da revolta. Em muitos momentos, as emboscadas dos valentes caboclos davam ideia de que o protetor operava mesmo milagres. Com tropas famintas em árduas caminhadas pela mata, era difícil enfrentar os rebeldes. Por falta de treinamento, soldados pareciam às vezes atirar a esmo. **Assim Vieira da Rosa descreve o efeito do fogo amigo: "Os soldados, sem ordem, atiravam uns sobre os outros, na sofreguidão de chegar ao inimigo ou na ânsia de gastar a munição, que lhe pesava na patrona."** Sob os pinheirais só se viam horrores, muitos praticados pelos jagunços: "À margem de um arroio limpíssimo estavam 12 mulheres mortas a facão, e que golpes, santo Deus, de tirar o occipital inteiro. Os abutres e os guaraxains já haviam limpado de toda a carne aqueles pobres corpos."

O Contestado ganhou esse nome devido à disputa territorial entre os

OS MUITOS ÂNGULOS DE UMA BATALHA

Episódio é tema de livros históricos e também de ficções

Entre os lançamentos recentes sobre a batalha travada no Sul do País, "A Atualidade do Contestado" (JM Editora), do jornalista paranaense Milton Ivan Heller, apresenta um panorama do conflito, buscando suas raízes na colonização latifundiária. O combate aos fanáticos também inspirou romances como "O Bruxo do Contestado" (Record), do escritor catarinense Godofredo de Oliveria Neto, e "O Reino Místico dos Pinheirais" (Scor-tecci), do autor paranaense Wilson Joel Leal Gasino, cuja narrativa é centrada na vida de uma família de caboclos



dois Estados sulistas, com a vitória de Santa Catarina no Supremo Tribunal Federal. A maior motivação do conflito, entretanto, foi a entrega das terras pleiteadas à companhia que construía uma estrada de ferro interestadual. Na época, o Exército ainda combatia ao toque da corneta, mas há registros de que aviões foram usados. Vieira da Rosa, que mais tarde apoiaria o tenentismo, apontava a frivolidade da elite como a culpada pela carnificina. De origem açoriana, ele defendia os nativos: "Eu sou pelo caboclo." Via neles um exemplo de moralidade, hospitalidade e pureza de costumes. "O erro dos governos, das religiões, das sociedades e o das simples individualidades tem sido em todos os tempos a intolerância. Ela fez, faz e fará derramar muito sangue", conclui. ■

IV Fórum ABA de Comunicação Corporativa

Fórum de Comunicação Corporativa vai discutir a *Mídia Digital* e *adicional. Impacto e transformação das relações no mundo conectado.*

8 de outubro de 2012 – São Paulo – Das 9h às 17h00

abasteça-se

Especialistas das diversas áreas ligadas à Comunicação Corporativa irão debater:

- Como se desenha o futuro dos pontos de contato com a expansão permanente do Universo de relacionamentos?
- Os desafios e riscos para a construção de um modelo multidisciplinar de expressão da marca, em um ambiente ditado pelas novas tecnologias de compartilhamento de informação.
- A importância de uma estratégia única de disseminação da mensagem corporativa que irá determinar uma nova postura com relação aos modelos tradicionais.
- Integrar, Construir, Compartilhar. Os novos pontos de contato.
- A disseminação da informação numa sociedade em rede.
- Como alavancar as mensagens e conteúdos Institucionais nos diversos meios e formatos.
- Como proteger a sua marca num mundo multiplataforma.

Presenças confirmadas:

Gil Giardelli (Gaia Creative) - Gislaïne Rossetti (BASF/ABA) - Priscilla Cortezze (Citibank/ABA) - Ana Claudia Pais (Johnson & Johnson) - Patrícia Peck Pinheiro (Escritório de Advocacia PPPinheiro) - Gabriela Onofre (Procter & Gamble) - Marcello Pimentel (Nextel).

Agende-se!

Informações Gerais

Local: Auditório da ABA – Av. Paulista, 352 – 6º. Andar.
Horário: das 9h às 17h.

Informações:

0800-124588 ou (11) 3283-4588
eventos@aba.com.br

aba ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANUNCIANTES

Patrocinador:

